

AS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

CARNEIRO, Janaine D. P. Lino – UFG/ Catalão – janaine_nana@hotmail.com

MENDONÇA, Marcelo R. – UFG/ Catalão – ufgmendonca@gmail.com

ET: Didática e práticas de ensino/ nº 04

Agência Financiadora: CAPES

O trabalho de campo tem sido um importante recurso metodológico para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Ao longo da história desta ciência o trabalho de campo ora teve menor relevância, ora teve maior destaque. Atualmente nota-se uma considerável retomada do trabalho de campo como metodologia de ensino e como instrumento de pesquisa, sobretudo a partir da influência da Geografia Crítica, da Geografia Humanística e da Pesquisa Qualitativa em Geografia. O trabalho de campo aliado à observação, ao diário de campo, à pesquisa participante, às fontes orais, dentre outros instrumentos, tem permitido a construção do conhecimento geográfico por parte dos estudantes de Geografia seja na Educação Básica, no Ensino Médio, no Ensino Superior ou mesmo na Pós-graduação, uma vez que, aliado à teoria que o embasa, permite a compreensão da realidade complexa e contraditória que compõe o espaço geográfico e os sujeitos que nele atuam. Esses instrumentos metodológicos também constituem significativos instrumentos de pesquisa em Geografia.

O presente texto apresenta uma breve reflexão acerca da relevância do trabalho de campo como metodologia de ensino-aprendizagem em Geografia, bem como, a possibilidade de sua utilização em conformidade com a observação participante, o diário de campo e as fontes orais, ou seja, entrevistas e depoimentos dos sujeitos que atuam na (re) construção da realidade, significando uma rica oportunidade de articulação entre teoria e prática, ou seja, possibilitando “[...] uma interpretação geográfica do fenômeno [...]” (DOURADO, 2010, s/p).

As reflexões aqui apresentadas advêm de um trabalho de campo proposto pela disciplina Organização do Espaço Agrário Brasileiro do Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Catalão (CAC), o qual pode reconhecer a relevância desta metodologia como estratégia de ensino para a

compreensão do espaço rural da Comunidade, bem como do modo de vida dos sujeitos que nela atuam. Foi possível compreender que nos estudos de Geografia Agrária, o trabalho de campo é uma ferramenta indispensável, que aliado à observação da paisagem, à observação participante, às entrevistas e aos depoimentos dos sujeitos que vivem no campo, é possível uma maior compreensão das tramas espaciais que configuram a realidade do campo brasileiro. Nesse sentido, considera-se de extrema relevância a utilização do trabalho de campo como metodologia de ensino em Geografia.

A esse respeito Tomita (1999) afirma que existe uma gama de variedades e formas de aprendizagem e que o professor deve selecionar as atividades adequadas ao tema, aos objetivos propostos, ao tempo e a turma com a qual trabalha. Ao propor um trabalho de campo é fundamental que o professor conheça as técnicas de planejamento, condução, avaliação, e principalmente ter bom domínio do conteúdo. Dessa forma o aluno será capaz de perceber os processos, a dinâmica e as contradições das diferentes formas de apropriação da natureza.

Lima (s/d) afirma que o trabalho de campo também se fundamenta na observação, permitindo ao aluno um olhar especial sobre os elementos da paisagem, a partir da fundamentação prévia, despertando o senso crítico e investigador. Além disso, o trabalho de campo vem sendo valorizado como um recurso metodológico de ensino-aprendizagem na Geografia, despertando um maior interesse dos geógrafos e demais professores que se dedicam ao seu ensino.

DOURADO (2010) faz uma ressalva em relação ao trabalho de campo como metodologia de ensino. Segundo o autor [...] “é consenso entre os defensores do trabalho da validade do trabalho de campo para o ensino de Geografia, a postura de que essa metodologia não pode ser desvinculada de uma teoria que a sustente.” Essa preocupação ameniza os argumentos contrários a realização do trabalho de campo, pois minimiza a possibilidade de reconhecimento dessa metodologia como um simples passeio, ou reconhecimento de área.

Na realidade, o trabalho de campo significa um momento de contato com a realidade, que se coloca como um desafio para o aluno na tentativa de compreender os fatos e fenômenos a partir das teorias vistas em sala de aula, ou mesmo diante da falta de contato com uma teoria que consiga explicar a grandeza desses fatos e fenômenos. A esse respeito Dourado (2010) assegura que:

O trabalho de campo se constitui num instrumento extremamente significativo e necessário ao processo de ensino-aprendizagem porque gera o conflito que se coloca para o aluno como uma problemática a ser resolvida. Quando o conflito se instala e desestabiliza a sua percepção a um dado elemento, tem-se a oportunidade de romper com a abordagem simplista [...] dada por muitos autores de livros a assuntos demasiadamente complexos (DOURADO, 2010, s/p).

Para Silvestre; Lima; Moreira (s/d) o objetivo central da prática do trabalho de campo é oportunizar aos alunos a aprendizagem de Geografia mediante a observação direta e apreender a relação entre aspectos físicos, naturais e humanos, constituindo-se um importante meio de unir prática e teoria.

A Geografia trabalha com fenômenos sociais, em constante construção, por isso as dificuldades em relação à escolha do método e da metodologia a serem utilizados nos processos de ensino-aprendizagem. As questões sociais são provisórias, dinâmicas e com consciência histórica por isso a demanda pela utilização de diferentes métodos e diversos procedimentos metodológicos que sejam capazes de compreender, ao menos em partes, as complexidades da realidade e dos fenômenos investigados. Dessa forma evidencia-se o papel fundamental do trabalho de campo como recurso metodológico.

O trabalho de campo permite o contato entre o aluno, os fatos, fenômenos e os sujeitos a serem compreendidos, ou seja, a realidade empírica. Este contato com a empiria deve ser acompanhado pela revisão teórica, pois ela irá fornecer meios que possibilitem a análise do empírico além da sua aparência. Além disso, o entendimento dos fatos e fenômenos a serem compreendidos deve ser construído a partir da correlação com um contexto mais amplo, ou seja, a partir de uma relação entre o particular e o geral, entre o local e o global.

A observação pode ser considerada o princípio da realização de um estudo de campo, pois permite pesquisador, um contato com o espaço, com a paisagem e com os sujeitos a serem investigados. A observação pode ser direta ou indireta, sendo respectivamente, quando o pesquisador se dispõe a observar o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa, e quando o pesquisador dirige-se ao sujeito para obter a informação desejada. A observação direta e a observação indireta podem ser utilizadas numa mesma pesquisa, também de forma complementar. (MATOS; PESSÔA, 2009)

Outro instrumento que contribui para a realização de um trabalho de campo

que contemple as necessidades do ensino-aprendizagem é o diário de campo. Esse procedimento metodológico, embora não seja utilizado com grande frequência, permite ao pesquisador registrar as suas impressões, e intuições em relação à pesquisa que está sendo desenvolvida. Dessa forma o diário de campo permite registrar o convívio com os entrevistados, facilitando a reconstrução da história nos seus aspectos econômicos, políticos e culturais, possibilita o exercício de memória do pesquisador nas anotações posteriores ao campo, amplia a capacidade de percepção da paisagem, e ajuda a aprofundar o olhar do pesquisador sobre o espaço social, registrar as preocupações e inquietações que surgem no decorrer do trabalho de campo (VENÂNCIO; PESSÔA, 2009).

Quanto às fontes orais, ou entrevistas e depoimentos, deve-se reconhecer que “A utilização de entrevistas como fonte vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos. (THOMPSON, 1992, p. 22). Esta fonte de dados adquire centralidade nas pesquisas e estudos em Geografia, pois oferecem novas perspectivas e revelam novos campos de estudo valorizando os *diferentes saberes* e a *memória do homem*, possibilitando que os sujeitos forneçam dados e informações fundamentais para a compreensão da dinâmica da realidade investigada.

As entrevistas permitem que o entrevistador tenha uma compreensão melhor de como a realidade é percebida e vivenciada pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que possibilita uma série de descobertas capazes de superar as expectativas. “Com as entrevistas se aprende algo mais do que o simples conteúdo” (THOMPSON, 1992, p. 41). Muitas vezes permitem que sujeitos, jamais ouvidos ou considerados nos registros históricos oficiais, possam falar, possam expressar-se, possam ser ouvidos.

Dessa forma, o trabalho de campo, a observação participante, e as fontes orais constituem metodologias fundamentais a realização das pesquisas em Geografia, podendo ser revestidas de igual importância no processo de ensino aprendizagem em Geografia. Tais procedimentos oportunizam a construção de um conhecimento geográfico mais próximo da realidade percebida e vivenciada pelo aluno dando um sentido para este conhecimento, muito além do sentido transmitido pelo livro didático e demais teorias vistas em sala de aula. A escolha do trabalho de campo, assim como dos procedimentos metodológicos que irão acompanhá-lo irá interferir na qualidade do ensino desenvolvido pelo professor, bem como irá interferir

nos resultados alcançados, a partir do estudo realizado. É importante destacar que a utilização do trabalho de campo como metodologia de ensino na maioria das escolas, sobretudo na Educação Básica, ainda não acontece com grande tranquilidade, pois a própria rigidez estrutural tende a dificultar a sua realização.

Referências

ALENTEJANO, P. R. R. & ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? In: **Boletim Paulista de Geografia**: trabalho de campo. São Paulo, n. 84, jul 2006, p.51-68.

DOURADO, J. A. L. **Contribuições do trabalho de campo para o ensino de Geografia**, 2010. Disponível em: <WWW.gsf.org.br/?q=node/49> Acesso em: 12/11/11

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-15. Março de 2002.

KAYSER, B. **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Seleção de textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LIMA, V. B. O trabalho de campo no ensino de Geografia. In: **Construir notícias**. Disponível em: <WWW.construirnoticias.com.br/aps/materia.asp?id=1214> Acesso em: 12/11/11.

MATOS, P. F. de.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

SILVESTRE, D. de O.; LIMA, J.M.C.F. de; MOREIRA, M. de F. A. R.. **O trabalho de campo como prática pedagógica no ensino de Geografia**. Disponível em: <4CCENDPGPRODOC01> Acesso em: 11/11/11.

SOUZA JÚNIOR, X. S. de S. A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa – PB. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 25-48.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMITA, L. M. S. O trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. In: **Geografia Londrina**, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan/jun, 1999.

VENÂNCIO, M.; PESSÔA, V. L. S. O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009, p. 317-336.